

PEQUENA ARQUEOLOGIA DE MINHA VIDA PREGRESSA - 8

W. J. Solha

Manhã de domingo de 1962, ponte num açude da zona rural de Patos, alto sertão da Paraíba. Em minha primeira folga, desde que chegara ao Nordeste pra tomar posse no Banco do Brasil, bebendo com colegas, eu os vi dando piaus da balaustrada. Não sabia nadar. Meu pai sempre me proibira qualquer represa, rio, lago ou piscina, porque vira dois amigos se afogarem, “quando eu tinha a sua idade”.

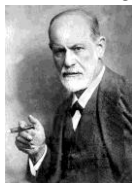


Perguntei ao dono da fazenda, seu Valdenor, se



poderia me arranjar uma corda.

Fiz um laço em torno da



cintura (“... simbolizando seu cordão umbilical...”) e entreguei a outra extremidade ao ruralista, pedindo-lhe que a segurasse – do corrimão - enquanto eu me debateria na tentativa de atravessar o trecho fundo sob a estrada. Todo mundo parou pra ver a cena. Entrei n’água devagar, até que, dando nado, estirei-me na superfície, danando-me a bater braços e pernas. Nadei, nadei, até que senti que dava pé do outro lado. Gritei a seu Valdenor:

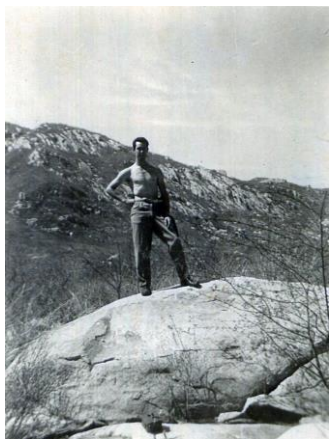
- Precizou me sustentar por algum momento?

- Não.

- Então agora vai sem corda.

Desamarrei-me, criou-se um clima de maior expectativa na turma, reentrei n'água com calma, estirei-me... e me debati, me debati, me debati, sob uma torcida imensa, muitos gritos e assobios, até que me vi de pé no chão do outro lado.

Sabia nadar!



E o espetáculo dado?



Eisenstein tinha razão.



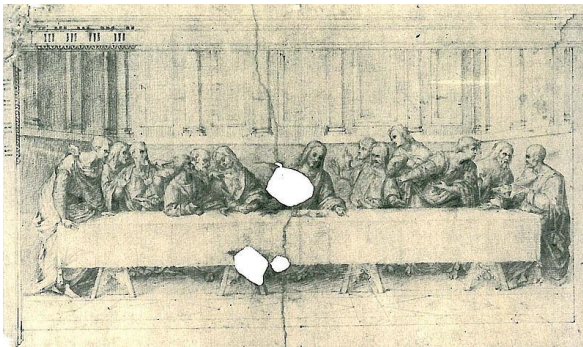
Ao contar como criou sua obra-prima, disse que se valera da estrutura matemática do teatro clássico, dividindo o script em cinco partes, cada uma com uma cesura (pausa) no meio, o roteiro todo também dividido em duas metades, ciente, Eisenstein, de que quando se faz uma narrativa num sentido e - depois de uma *cesura* - contamo-la novamente... em sentido contrário, ela ganha um *crescendo* fantástico.

Fora o que eu experimentara ao voltar *sem corda*.

Veja um dos primeiros esboços feitos por Leonardo para a “Ceia”. Judas ainda está do lado de cá da mesa, o grupo bastante caótico:



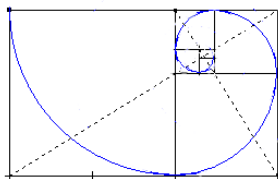
Já aqui, com exceção do fundo, o projeto aparece quase definido.



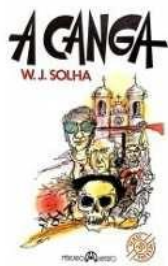
O que teria acontecido entre um passo e outro de Da Vinci? Ele – como Eisenstein – servira-se da “Divina Proporção”, “Número de Ouro” ou “Seção Áurea”, dispondo Cristo exatamente no meio da mesa, com seis discípulos de um lado, seis do outro, Judas à esquerda, de contrapeso.



Também Ictino e Calícrates, ao criarem o Pártenon, serviram-se do sistema:



Trata-se de uma simetria com subdivisões de harmonia ímpar e de efeito



impressionante. Este meu romance _____, que, em parte, gerou o curta-metragem homônimo de Marcus Vilar, dividi-o, também, em duas metades: a primeira, com as tropas lideradas pelo personagem Zé atacando a mina de cobre na montanha e se dando mal, depois do que há uma cesura – na qual ele fica sabendo que foi vítima, com todo mundo, de uma grande trama, e que ali não há cobre algum - e a segunda parte acontece, com ele novamente à frente das tropas, na retomada do ataque, mas como se Quixote repetisse a carga contra o moinho, agora sabendo que não se trata de gigante algum.



Aí se deu que João Batista de Brito _____ me chamou pra dar uma palestra sobre Shakespeare no CCHLA da UFPB, pra professores e alunos do curso de literatura inglesa, exatamente no dia dos idênticos (mas contrários) aniversários de nascimento e morte do Bardo, 23 de abril. Como, antes, a poeta Vitória Lima



_____ fez uma apresentação, na qual disse que o dramaturgo era do signo de Touro e que costumava ser detratado por não falar grego e latim – tal qual Leonardo - comecei minha falação salientando que também sou taurino e que não domino inglês ou francês, pelo que pedia desculpas à plateia pelas pronúncias incorretas de certas frases e nomes, “mas taí o exemplo de Shakespeare, você nem



podem reclamar” . _____ “Em compensação – acrescentei – passei no concurso do Banco do Brasil porque tenho curso de contabilidade, de que vocês de



nada sabem _____, vantagem que entenderão quando lhes mostrar que um balanço contábil tem muito a ver com a estrutura perfeita das peças shakespearianas, dos filmes de Eisenstein e da fachada do Pártenon, sempre com



base nas mesmas teorias que levaram Fra Luca Pacioli (o matemático que escreveu “A Divina Proporção”, ilustrado por Da Vinci) a criar o sistema de partidas dobradas, utilizado até hoje em todo o mundo. O renascentista franciscano partiu do princípio de que em toda atividade mercantil ocorrem as

CAIXA	
DÉBITO	CRÉDITO
10,00	5,00
8,00	3,00

dialéticas ações simultâneas – $18,00 - 8,00 = 10,00$. Se entra mercadoria numa empresa, debita-se a conta Estoque, porque a recebeu; credita-se a conta Caixa, que a quitou. Se essa mercadoria sai, credita-se Estoque, do qual ela não mais faz parte, debita-se Caixa, que recebeu seu valor. Simplificando a coisa ao máximo, o

ATIVO	PASSIVO
-------	---------

Balço Patrimonial se faz com a dupla, e a diferença entre os dois é o lucro ou prejuízo do período abordado, uma espécie de síntese obtida no jogo tese/antítese.

Bem.

- Em 1600 – prossegui - Shakespeare criou “Júlio César”, no qual deu um escorregão dramático: promoveu o massacre do grande personagem – de quem a peça tem o nome – no terceiro ato, ou segundo ato e meio, como manda a Divina Proporção, exatamente na metade do espetáculo em cinco atos,





... a fim de que Brutus e seus comparsas passem de caçadores a caçados, graças à virada na opinião pública, ensejada pelo maravilhoso discurso de Marco Antonio ante o cadáver de César, no qual persuade a multidão de que não foi feita justiça, mas um crime.



É como se Brutus tivesse nadado com corda na primeira metade da peça, e – morto César, seu pai (segundo alguns historiadores) - ele, livre do cordão umbilical, nadasse a partir de então em sentido contrário... sem corda. Com o que, infelizmente, se ferrou.



No ano seguinte ao de “Júlio César”, ao escrever “Hamlet”, Shakespeare quase repete o erro. O Príncipe *vai* matar o rei, seu inimigo, no mesmo exato ponto da peça,



... mas desiste, com o argumento de que Claudius está rezando e, assim, irá para o céu, enquanto o pai a ser vingado, segundo contara seu próprio espectro, danava-se no inferno. Hamlet vai, então, aos aposentos da mãe e, ao discutir com ela aos gritos, agita Polonius – conselheiro da corte – que se escondera atrás da cortina. Tomando-o pelo rei, o príncipe o assassina.



Brincando com sua arte, Shakespeare coloca o velho a dizer, em sua cena anterior, que já fizera o papel de César na Universidade e fora morto por Brutus no Capitólio.



**- I did enact Julius Caesar. I was killed i' th' Capitol.
Brutus killed me ...**

Estava cumprido, pois, o “regulamento” áureo, mas garantido que o vilão continuaria vivo, mantendo-se o conflito – e o interesse do público.

Muito bem.

Já disse, nesta série, que parei de escrever durante nove meses pra pintar o painel “Homenagem a Shakespeare”, que está no auditório da reitoria da UFPB. Minha paixão pela obra do imenso dramaturgo tornou o dia em que tirei esta foto com minha mulher, em 2008, diante do Globe Theatre, em Londres, memorável.



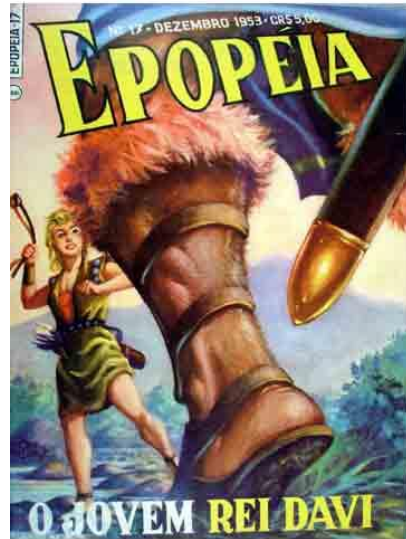
A emoção foi fortíssima ao entrar n“este O de madeira” (this wooden O), em que ele conseguia representar o mundo. Eis, na foto embaixo – caramba – entre outras coisas (pois não se usavam cenários na época), o balcão em que Romeu vê Julieta:



Natural que – movido por tal admiração pela obra shakespeariana – eu fizesse o romanceamento de sua maior obra, neste



meu livro lançado em 2005 pela Bertrand Brasil: Como fizera, também, o romanceamento do “Édipo Rei”, houve um dia em que me dei conta de que tinha várias histórias inéditas de grandes angustiados, coleção que começara com a saga do Rei Saul – influenciada pela primeira leitura que fizera



dela nesta revista em quadrinhos de 1953 ,
seguindo-se a de Parsifal quando menino – que lera noutro número da série. Veio,



depois, o libreto de uma ópera jamais musicada por Kaplan , que a



encomendara - “Os Gracos” - que acabou gerando o
roteiro de um longa-metragem (também nunca filmado) sobre os irmãos mortos
quando tentavam – cada um a seu tempo - implantar a reforma agrária em Roma,
por volta de 133 a.C.

Desvio: num dos aniversários desta Filipeia de Nossa Senhora das Neves,
Frederika de Nassau, Parahyba, depois João Pessoa – em 05 de agosto de não me
lembro quando – participei de uma mostra coletiva, no Casarão 34, produzindo a
instalação abaixo.



Como a foto não tem boa resolução, explico: no alto do lado esquerdo coloquei um texto que apresenta a reprodução – que repito abaixo - de uma vista do rio Arno, feita por Leonardo, em que se lê, em sua escrita invertida: “no dia de Santa Maria do Milagre da Neve, 05/08/1473” .



Como contraste com o passado remoto e desértico da paisagem, no lado direito coloquei uma placa-mãe descartada de meu CPU, dizendo tratar-se de uma vista

aérea do centro de João Pessoa, com a ventoinha simulando um carrossel de



parque de diversões:

Fiz coisa semelhante em meu “Hamlet”. Peguei a cena da ponte sobre o açude, de



Patos

e a transferi pra Copenhague.



Atrás do castelo de Christiansborg - escrevo - fica o Frederiksholms Kanal, que desemboca no Inderhavn ao passar na Christians Brygge. Foi ali que um dia, quando tinha uns... quatorze anos, Hamlet ficou se debatendo na parte rasa, sob a vigilância de dois guarda-costas, vendo uma porção de homens, rapazes e meninos do povo saltando da balaustrada, na parte mais funda do braço de mar. Seu tio Claudius se aproximou a cavalo e gritou: “Aí você jamais aprenderá a nadar, Alteza! Vá lá onde estão os outros!” Hamlet concordou. Mas pediu uma corda, deu um laço na cintura, jogou a outra ponta ao tio... por quem sempre nutrira enorme antipatia, e lhe gritou, como a um criado: “Segure aí, enquanto atravesso o canal sob a ponte!”

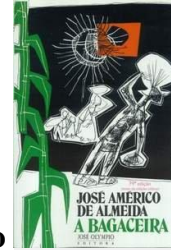
O resto você conhece.

Mas Hamlet ainda me daria outro nó na cabeça. Foi quando fiz o papel de um delegado no filme de Paulo Thiago, baseado n “A Bagaceira” do José Américo de

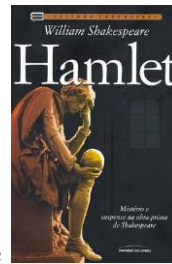


Almeida . Trabalhando na agência centro do BB em João Pessoa, eu - nos dias em que era chamado ao *set* - viajava pra Pilar, filmava, e voltava pro expediente na capital, no subsolo, setor de Conferência. Depois de reler o romance, estudar o roteiro e conviver com os personagens do livro, vividos por Jofre Soares,

Maurício do Vale, Roberto Bonfim, Emanuel Cavalcanti, Ney Santanna e Rejane Medeiros, parei, um dia, de carimbar, no meio daquele silêncio de subterrâneo,



concluindo, de repente, que todos os personagens de José Américo têm



equivalentes na tragédia de Shakespeare. O primeiro a me chamar a atenção foi Valentim - pai de Soledade: falante como Polonius, *tem seu nome lembrado na loucura – carregada do complexo de Eletra - de Ofélia, ao saber-se órfã por causa do príncipe. Ela sai cantando:*

*Tomorrow is Saint **Valentine's** day,
All in the morning betime,
And I a maid at your window,
To be your **Valentine**.
Then up he rose, and donned his clothes,
And dupped the chamber door.
Let in the maid that out a maid
Never departed more.*

As traduções divergem, mas o importante, no caso, é que a jovem se reporta ao dia de São Valentim, no qual diz que irá ao quarto de quem ela pretende ser a



Valentina, do qual não sairá virgem. Prato cheio pra Freud.



Outra coisa: Lucio, interpretado por Ney Santanna, pira ou simula endoidar, como o príncipe da Dinamarca, o que me lembrou que a história de Hamlet é, por sua vez, uma adaptação da de *Lucius Junius*



– apelidado de Brutus por se fazer de bruto, animal, doido, pra poder escapar da tirania do tio, nos inícios da república romana.



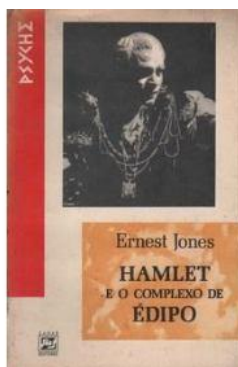
Pirunga (vivido por Nelson Xavier), irmão de criação da Soledade e doido por ela, era – por sua vez - o equivalente a Laertes, irmão de Ofélia, que – segundo a psicanálise – teria um amor incestuoso pela irmã.

Com esses detalhes, mais dezenas de outros, que detectei em seguida, concluí que

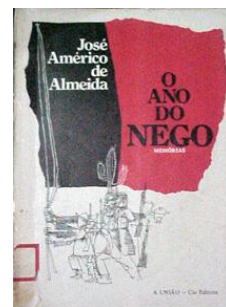


Zé Américo ironicamente rompera com a tradição da influência inglesa na literatura brasileira, apegando-se ao mais inglês dos escritores: Shakespeare... e ninguém o percebeu.

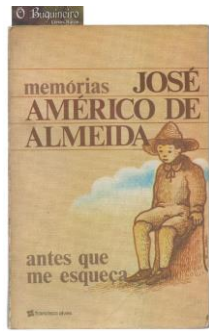
Meu elo de ligação entre “A Bagaceira” e o “Hamlet” foi este livro:



Ernest Jones lança, nele, uma série de hipóteses edípicas a respeito do Príncipe da Angústia e do próprio Shakespeare, todas de impossível comprovação, face à precariedade de informações sobre o Poeta. Minha vantagem sobre esse discípulo e biógrafo de Freud, era que José Américo tinha –



além de “A Bagaceira” e outros romances - livros de memórias,



inclusive da infância e estava vivo – por isso fui conversar com ele a respeito, depois de tomar um tranquilizante. Claro, eu mostrava que o banho em



que Soledade se exhibe nua, na cachoeira do Marzagão, pra Lúcio, provém do banho da lavadeira que ele – “sem querer” - espiara quando criança, na cachoeira da fazenda de seu pai, fato seguido de enorme remorso. E que o pai



do revoltado Lúcio vive cenas idênticas a algumas do pai do escritor. E



que João Pessoa - governante “tirânico” da Parahyba – equivalia, segundo a psicanálise, ao velho Dagoberto Marçau, senhor do Marzagão, vivido no filme por Jofre Soares. A fúria de Zé Américo de Almeida– com gritos sem



descerrar os dentes – era famosa, e eu a vi face a face, sentado no

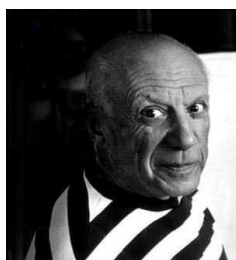


terraço da casa dele frente ao mar. Já chegou irado:

- De onde você tirou a ideia maluca de que eu queria a morte de João Pessoa?

E falou, falou:

- Já estive aqui um americano dizendo que Lúcio tem complexo de Édipo! Mas Édipo não sabia que Jocasta era sua mãe, enquanto Lúcio sabe que Soledade é a cara da mãe dele, a finada senhora do Marzagão, e se recusa a possuí-la !

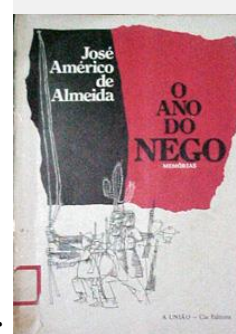


Bem, como disse este nosso amigo, *Yo no busco, encuentro!*

Nunca procurei nada que me levasse a escrever “Zé Américo foi Princeso no Trono da Monarquia” (Codecri, 1984). O livro de Ernest Jones, a participação no filme “Soledade” e... – puxa vida! - ... Dois anos após esse longa de ficção baseado n “A Bagaceira”, fui convidado por Vladimir Carvalho (que aqui embaixo aparece dirigindo a fotografia de seu irmão Walter),



fui convidado por ele – eu dizia - pra ser um dos entrevistadores de José Américo de Almeida, que aí está, posando pra



seu documentário . Eu releira, na noite anterior , onde o escritor narra sua participação na Revolução de 30. E foi aí que descobri que José Américo fora mais hamletiano na vida real do que na ficção, vivendo a tragédia do príncipe da Dinamarca literalmente dentro de um palácio, o da Redenção.



“A Bagaceira”, publicada em 1928, passou a ser, pra mim, uma antecipação mítica de tudo que aconteceria dois anos depois na vida paraibana, fato não mais misterioso do que a profética charge que saiu na revista “O Malho” de 28/06/30, *um mês antes da morte de João Pessoa*, com o Presidente de Minas, Antonio Carlos, dizendo ao Presidente da Paraíba - que está no leito de morte, segurando uma vela: “Podes morrer tranquilo, meu caro! Elas (os líderes revolucionários vestidos de carpideiras) já estão prontas para fazer-te, depois de tua morte, uma linda manifestação de solidariedade”



Como se vê, aí temos a História em duas metades - iguais, mas contrárias. E, contrariando o que disse Marx: veio primeiro como farsa; depois, tragédia.